

ACABOU a Nova República

Rudolfo Lago,
Arlete Salvador e
Denise Rothenburg
Da equipe do **Correio**

“Não nos querem mais. Que governem, então, sozinhos”. A frase, dita pelo presidente do PFL, senador Jorge Bornhausen (SC), na reunião em que seu partido decidiu romper com o governo, é a senha que decretou o fim do pacto de poder que administrou o país nos últimos 17 anos, com exceção dos dois anos e meio de Fernando Collor. Nos últimos dias, a senha de Bornhausen deixou de ser apenas uma orientação partidária. Quando um banco divulga uma nota inventando uma pesquisa eleitoral inexistente que coloca o candidato do PSDB à Presidência da República, José Serra, em quarto lugar e desestabiliza sua candidatura, segue o que diz Bornhausen. Quando um empresário paulista boceja e reclama com o vizinho de platéia que o discurso de Serra é “frio” e que ele “nem leu” a proposta da Confederação Nacional da Indústria (CNI) para o novo governo, só repete o mesmo conceito. “Uma parcela da elite que hoje está no poder não se identifica com Serra. Aliás, não se identifica com nenhum dos candidatos à Presidência da República. Se essa elite não conseguir substituir Serra por outro candidato, não estará no poder no próximo governo”, resume o cientista político Wálter de Góes.

Em 1985, quando Tancredo Neves venceu as eleições indiretas contra Paulo Maluf e elegeu-se presidente, foi estabelecido um novo pacto de poder. A centro-direita, que deixou o PDS (atual PPB) e formou o PFL aliou-se à centro-esquerda representada pelo PMDB. Essa aliança ganhou o pomposo nome de Aliança Democrática. O governo que fariam foi apelidado de Nova República. O pacto só se dividiu em 1989, quando a centro-direita encontrou em Collor seu candidato. O projeto Collor não deu certo. A união voltou com Itamar Franco e prossegue até hoje. Ao que tudo indica, não prosseguirá mais. (leia na página 7 quadro com a história desse pacto).

Nas conversas internas no PFL, Bornhausen tem dito aos companheiros de partido que as razões para abandonar a candidatura do PSDB não se concentram apenas na figura de Serra. É verdade que o acham arrogante, sem carisma e desagregador. É verdade que desconfiam de seus métodos de articulação política. Que estão convencidos de que ele montou um esquema para espionar a ex-governadora do Maranhão Roseana Sarney e desmontar a candidatura dela. Os motivos do rompimento, porém, não são apenas de ordem moral ou uma questão de simpatia. No projeto de governo de Serra, o PFL considera que não tem como se encaixar.

Da mesma forma, o grupo de Serra no PSDB acha que não tem como encaixar o PFL. “Ele, na verdade, nunca demonstrou muita disposição de agregar o PFL à sua chapa”, admite um aliado do ex-ministro da Saúde. O candidato tucano busca concretizar um projeto montado na formação da chapa do presidente Fernando Henri-

Carlos Moura 25.8.98



HERDEIROS DA SITUAÇÃO E DA OPOSIÇÃO À DITADURA, FERNANDO HENRIQUE E MACIEL DIVIDIRAM O PODER NOS ÚLTIMOS OITO ANOS

Gilberto Alves 1984



SARNEY, ULYSSES E MACIEL LIDERARAM A ALIANÇA QUE ELEGU TANCREDO EM 1985

que Cardoso, nas discussões com o ex-ministro das Comunicações Sérgio Motta. O mundo estava mudando, com a queda do Muro de Berlim. A palavra “globalização” entrava para o vocabulário político e econômico. Um país fechado parecia não ter condições de sobrevivência. “Eles acharam que precisavam fazer mudanças estruturais para, na visão deles, moder-

nizar o Brasil. E, para fazer isso, se aliaram aos liberais”, comenta o presidente do PPS, senador Roberto Freire (PE), que acompanhou, ora mais perto, ora mais longe, o pacto da Aliança Democrática.

A idéia de Motta era, concluída a fase de reformas, fazer com que o PSDB pudesse ir se livrando da aliança com o PFL para implementar, de fato, seu

projeto de governo. No governo Fernando Henrique, em muitos momentos, as idéias do PFL prevaleceram sobre as do próprio PSDB. Agora, era hora de retomar a direção e corrigir algumas distorções desse período. Aumentar um pouco a intervenção do Estado na economia. Promover o desenvolvimento de alguns setores em detrimento de outros. Promover mais ações sociais. Retomar o crescimento. Tudo muito bem pensado. Tudo muito profissional. “Só que os profissionais, na prática, estão se mostrando um bando de divertidos amadores”, observa o senador Carlos Wilson (PTB-PE).

Arapongas, caixa 2 de campanha, tesoureiros, dossiês. PFL e PSDB parecem sucumbir juntos, num abraço de afogados. “A verdadeira Nova República vai começar agora”, comemora o deputado Paulo Delgado (PT-MG), uma espécie de meio-de-campo entre a centro-esquerda que se uniu à Aliança Democrática e a esquerda que ficou de fora, no PT. “A direita teve fôlego para ficar no poder esse tempo todo com alianças de coxia. Mas esse grupo foi perdendo força com a modernização da economia. Uma elite mais sofisticada já não se identifica com eles”, comenta. É verdade. Em torno da candidatura de Serra, ocorre uma guerra surda na elite econômica. Os empresários do setor financeiro adoram a política adotada pelo governo Fernando Henrique Cardoso. Os bancos nunca lucraram tanto quanto nesses tempos de

juros altos. O setor industrial detesta isso. Endividou-se para fazer investimentos embalado pela estabilidade do Plano Real. Agora, não aguenta pagar suas contas. Reduz seus gastos, gerando desemprego. Serra e todos os demais candidatos prometem mudar essa situação. “Não é por acaso que os bancos soltam notas dizendo que Serra vai renunciar ou que caiu para quarto lugar nas pesquisas. Eles estão no projeto de trocá-lo por alguém mais conservador”, diz Freire.

Uma troca hoje quase impossível, pelas estratégias adotadas pelos dois lados. Aliados no governo, os três partidos da Aliança Democrática (o PSDB foi uma dissidência do PMDB) apostaram literalmente uma corrida na sucessão presidencial. O PSDB uniu-se ao PMDB para dar uma rasteira no PFL na eleição do deputado Aécio Neves (PSDB-MG) para a Presidência da Câmara. O PFL respondeu inventando a candidatura de Roseana Sarney no final do ano passado. O PSDB reagiu antecipando o lançamento da candidatura de Serra. Valeu-se de instrumentos pouco ortodoxos para tirar Roseana da pista. Hoje, Serra vê a mesma estratégia voltar-se contra ele. “É possível que os dois lados se deem conta dos erros que cometeram e que queiram encontrar uma alternativa que os una novamente. Só que não parece haver essa alternativa”, avalia Wálter de Góes.

Há quem enxergue que, a essa altura, a centro-direita que não se identifica com Serra julgue ser melhor ficar mesmo na oposição. Parece um paradoxo para o PFL, um partido que sempre demonstrou imenso apreço pelo poder. Mas esse é o pensamento de Bornhausen. Para ele, o partido correria o risco de se exaurir em um governo do qual não tivesse condições de participar efetivamente. Na oposição, pode reafirmar suas idéias de forma mais clara, em um momento em que vários países da Europa dão uma guinada conservadora. Para o líder do governo no Congresso, Arthur Virgílio (PSDB-AM), essa tática parece cada dia mais clara. E o preocupa.

DE OLHO NO CONGRESSO

O PFL tende a ficar “camarão”. Não apoiar candidato algum à Presidência. O mesmo quer o PPB. O PL deve descolar-se da candidatura de Luiz Inácio Lula da Silva, do PT, para seguir o mesmo caminho. No PTB, que hoje apóia Ciro Gomes, do PPS, há quem defenda a mesma linha. “Todos esses partidos, formalmente independentes do próximo governo, seja ele qual for, podem formar um bloco no Congresso”, imagina Virgílio. “Camarões, esses partidos devem eleger uma grande bancada, aliados em cada estado com partidos diferentes. Podem formar a maioria”, continua. “O próximo presidente terá, assim, de negociar exaustivamente com esse grupo cada uma das propostas que quiser aprovar no Congresso”. Trata-se de um grupo que não vai se identificar ideologicamente com o governo e que abriga boa parte do lado mais fisiológico da política brasileira. “O próximo presidente vai enfrentar uma pedreira”, conclui Arthur Virgílio. “Eis, talvez, uma das grandes novidades que surgirão das eleições deste ano. Teremos uma oposição de direita”, completa Wálter de Góes.